



## O CICLO DAS SEDAS E O NOME DAS MEMÓRIAS: POESIA CONTEMPORÂNEA DE CRISTINA NÉRY

Rosimeire Barboza da Silva  
Lennita Oliveira Ruggi

### 1. Sobre as ferramentas do mestre

In our hands, the master's tools have become ammunition in the dismantling of his house, as we set about adding an extra room or two. We have taken his tools and with them made tools that fit our individual hands, as each of us sets out to do the work we have to do... [W]e'll realize that those tools didn't belong to the master, after all. Well, they didn't belong to him all by himself. And that is one way that we gain agency, by adapting the tools we have rather than by reinventing the wheel; although the wheel is reinvented along the way. (Blanchard, 2002, p. 256-7 apud Kao, 2008, s/p.)

Em sua famosa conferência “The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House” (1984<sup>1</sup>), Audre Lorde elabora os mais importantes de seus princípios em relação ao movimento feminista (norte-americano?). A base de seu discurso é o direito e a necessidade da diferença, bem como a possibilidade de interdependência entre mulheres tão diversas quanto a mãe de uma prostituta que faz ponto na 42 Street em Nova Iorque e a acadêmica de classe média branca que assiste à seminários e conferências enquanto uma empregada pobre e negra limpa sua casa e cuida de suas crianças. Ao traçar esses contrastes, Lorde pretende dismantlar o mito tipicamente patriarcal que estabelece a existência de uma vivência feminina padrão, comum a todas às mulheres, que toma como norma as experiências das mulheres brancas, heterossexuais de classe média. Ignorando o racismo e a homofobia como pilares de sustentação do patriarcado, o feminismo continuaria preso às ferramentas do mestre, reificando a autoridade patriarcal e sua exclusividade em determinar quais ferramentas são efetivas. Reivindicando a diferença como “that raw and powerful connection from which our personal power is forged”, Lorde inverte a expressão dividir para conquistar, transformando-a em “define and empower”.

Um dos grandes princípios defendidos por Lorde, portanto, é tomar o pessoal como político. Tal perspectiva se reflete diretamente em sua obra literária, na qual as referências biográficas constituem estilo e estética. Poesia, prosa e conferências acadêmicas são para Lorde espaços para a firme e clara expressão do “eu”. Os muitos gêneros em que ela transita, todavia, não delimitam o sujeito como uma entidade coerente e unitária, mas antes uma recusa em ser circunscrita, confinada e reprimida numa categoria, num estereótipo. Não aceitar as atribuições, subverter as expectativas, duvidar da coerência “do sujeito” e explorar novas possibilidades representam, nesse contexto,

---

<sup>1</sup> Todas as citações de Lorde se referem à conferência “The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House”, extraído do livro *Sister Outsider, The Crossing Press Feminist Series* (1984) e publicado em <<http://lists.econ.utah.edu/pipermail/margins-to-centre/2006-March/000794.html>>. Acesso em 10/jun/2010.



construir uma nova caixa de ferramentas, alicates e chaves de fenda que “illuminate all our choices”.

Nas páginas que seguem, a crítica feita por Lorde às ferramentas do mestre constituem inspiração para pensar sobre a literatura feminista contemporânea. Elas são tomadas como um letreiro para recordar que a linguagem não é um meio neutro, mas um desafio e um dilema para as escritoras feministas. Tendo como ponto de partida a obra de Cristina Néry, nossa intenção é investigar algumas das estratégias e construções literárias que permitem (re)descobrir as falhas no sistema, transformando rachaduras nas paredes da linguagem em janelas para um cenário de enunciação diverso e amplificado. Um dos principais eixos de análise é a enunciação do “eu” na poesia e prosa de Néry, como “o” sujeito é articulado no(s) discurso(s). Trata-se, portanto, de seguir a questão proposta por **Ana Cecília ...**: “Como fica a relação entre 'autor/a' e obra; 'autor/a' e 'realidade' diante do dilema teórico acerca da legitimidade do sujeito humanista, conhecedor e organizador do conhecimento?” (ANO, s/p). De acordo com **ANA CECÍLIA**, a literatura está plenamente engajada nos processos de litígio do sujeito que são característicos da contemporaneidade, especialmente no debate acadêmico. Neste sentido, a “perda do referente” atinge o âmago da criação literária, pois desmantela as bases fundamentais das narrativas modernas (entidades essencialmente únicas e unas). Em suas palavras: “Mediante o questionamento das noções tradicionais da representação em si e suas possibilidades e a partir do momento em que a 'natureza' e o 'ser' não mais se colocam em estado 'puro' para serem explorados pelo/a artista, e a própria cultura não mais se situa como um agente externo de transformação do 'referente', temos uma literatura, chamada pós-moderna, que tem que lidar com uma 'realidade' e com um 'sujeito' encapsulado por imagens culturais, que tomaram o lugar da 'natureza', ainda existente para boa parte dos modernos” (ANA CECÍLIA, ANO...). Forçoso reconhecer que, se essas condições representam a ausência de um sólido alicerce, é na vertigem do abismo que floresce a criatividade da escritura na atualidade.

## *2. Dois pontos para começar*

Conventions are made to be broken in that they are provisional rather than absolute, temporal rather than eternal. Differing conventions mark not only different times but also different classes and ethnicities. As we consider the conventions of writing, we are entering into the politics of language. Writing conventions play a fundamental role in the legitimation of communicative acts. They determine what is allowed into a particular specific discourse: what is accepted as sensible or appropriate or within the bounds of morality. Yet dominant conventions are hardly the only conventions with authority, and refusing the authority of particular convention does not, in any sense, put one outside conventionality. Conventions are not identical to social norms or standards, although this distinction is purposely blurred in the legitimation process. Inflexible standardization is the arteriosclerosis of language. The shared counterconventions that may develop – whether among small constituencies of poets or political groupings or scientists or regional communities – are often a mean of



enhancing communication and articulation, in many cases because certain details (palpable material or social facts) are not articulable through prevailing linguistic conventions (Bernstein, 1992: 218-219).

Pouca gente teria coragem de iniciar um título com dois pontos. Pouca gente, na realidade, chegaria a ter essa ideia. Ainda mais no trabalho final de uma disciplina do mestrado. Mas, estranho que possa parecer, tem gente assim no mundo. E Cristina Néry é uma delas. Pra além de brincar com as palavras (de maneira consciente e séria), ela não perde o bom humor. Seu artigo que começa com dois pontos trata do potencial político-enunciador da escrita poética. Sob o título de *:a matriz posterior da esfinge: um exercício poético de cidadania*<sup>2</sup>, o texto de Néry explora “a mudança do epistema e a porta aberta para a contemporaneidade”, entendidos como possibilidades de criação literária, dado que “poesia e poema mediam entre ambos uma voz e esta é, fatalmente, uma grande *collage*” (NÉRY, 2008: 7). Neste contexto a linguagem é simultaneamente limite e percurso, muralha e escadaria:

Digo que, a autoridade conduz às cedências e serve de átrio perfeito para um modelo colaborativo de linguagem que não é mais do que uma escala de esforço limitada para entender o mundo que permite a dinâmica do cânone e desencoraja a criatividade (NÉRY, 2008: 7).

Muitas partes da realidade escondem-se na língua. Ela é inteiramente viva e plenamente fúria e pregas azuis (NÉRY, 2008, 6).

Falo de excesso, dos excessos dos sentidos que o mundo tem o colo vergado de rebentos. Esse é o campo de acção que fica para lá das vozes-verdade e dos princípios soberanos convictos com que diariamente somos tranquilizados. A objectividade tem um tremendo carácter parcial que aclara fisionomias que não são aclaráveis. Não chega (NÉRY, 2008, 8).

Consciente das relações de poder implícitas nos processos de nomeação, das ausências e sombras projetadas pelos discursos da Verdade, das violências instituídas na(s) língua(s), Néry atribui à poesia incumbência a um tempo teórica e cidadã: “Artífice dos pedaços que ainda faltam, o poeta é em ofício, o ofício do que está por vir e essa é a sua missão científica, ou melhor, a sua missão científica de vida” (2008, 10). Declaração de fé, aposta para provocar rachaduras na roleta, é na poesia que o cotidiano repetitivo-alienante pode ser rompido, subvertido, desideologizado:

A poesia é mil gárgulas portas-dentro do ar, o gargalo dos idiomas, um sempre escarpar do vento. É o sopro no sopro. É arrefecer os membros traçados, destrancá-los, arrancar-lhes os limbos e arear a testa e partir, sempre partir, para uma barriga outra. Diariamente, a sociedade serve-nos frutos maduros, já mortos, como se de uma iguaria empedernida de frescura se tratasse, lacera-nos os duendes, cose-nos os órgãos e avança com a música de uma linha verbal que tem origem numa lápide de mármore luminosamente polida (...) Participar é revolver a substância primordial talhada, é uma prática nem sempre acessível mas que fôlego a fôlego desata transfusões de sons condenados a mirrar. O discurso dominante é um ordenado corpo, uma esfera semântica totalizadora, o ventríloco detentor de uma marionete habitada por gafanhotos, desbotada e com os sapatos sujos de pó (NÉRY, 2008, 11-14).

Cristina Néry constrói em camadas através da desconstrução, entendendo que “o real é vezes

---

<sup>2</sup> Trabalho apresentado ao Seminário de Teorias – Poética e Cidadania do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Graça Capinha (NÉRY, 2008).



demais um real construído socialmente, de forma metafórica e lingüística” (2008, 18). E reconhece, para concluir: “são de violência os versos desse trabalho” (2008, 19).

É de partos o sujeito. A nossa extensão de nós firma um novo real de todas as vezes que o fazemos (NÉRY, 2008, 12) As identidades são em construção e, por isso, impossibilitadas de cegar, são acesas de gravitação (idem, 16)

Os diálogos, o trânsito dialógico – a *poesis* – é a diafonia. Talvez sejam dos limites impostos que se escoam os ilimites do sujeito. Para nunca se deixar configurar, a realidade procura-se até se encontrar em imenso estampido, estrondo. (...) A deriva e a procura quebram o cronômetro do silêncio global, inspiram-se em degraus, em sulcos, no êxtase de ser possível gritar dolorosamente à pasmada tessitura do coro. Experimentar, explorar, avança na lógica alternativa do espaço, “erra”, rasga no que existe, “*significa*. Somos, assim, contra-hegemônicos na língua, fundada da transfiguração dos archotes guardiões da missão científica do conhecimento” (NÉRY, 2008, 17).

It seems that every text has more sources than it can reconstruct within its own terms (Butler, 1999: x).

Néry não é a única a escrever assim (quebrar convenções não é sair das convenções) – diálogo com pessoas que “concordam”

Sobre o silêncio: “Acredito que a incompletude é o grito que nos está eternamente em falta. Há as periferias na realidade a que o decalque não pode dar resposta, não chega, é imaginar por baixo. E onde cabem os irrespiráveis nomes, as traves que nascem para tocar as curvaturas que passam de cor a cor, as cápsulas difusas, os segredos meridianos, as bárbaras elegâncias da voragem?” (NÉRY, 2008, 8).

### *Referências*

BERNSTEIN, Charles. *State of art, Artifice of absorption e Comedy and the poetics of political form*. In: **A Poetics**. Harvard University Press, Cambridge & London, 1992.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York/London, Routledge, 1999.

KAO, Stella. Et al. **The Master’s Tools...** WMST-L files. 2008. Disponível em: <<http://userpages.umbc.edu/~korenman/wmst/masterstools.html>>. Acesso em 16/jul/2010.

LORDE, Audre. “The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House”, extraído do livro *Sister Outsider, The Crossing Press Feminist Series* (1984) Disponível em: <<http://lists.econ.utah.edu/pipermail/margins-to-centre/2006-March/000794.html>>. Acesso em 10/jun/2010.